



Santuários na Região Demarcada do Douro: o Baixo Corgo

Sanctuaries in the Demarcated Region
of the Douro: the Baixo Corgo

João Tomé Duarte *

Museu do Douro, CITCEM - Centro de Investigação
Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»
Unidade de Arqueologia / UTAD – Universidade de Trás-
os-Montes e Alto Douro, Portugal

Mila Simões de Abreu *

UTAD – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro;
CETRAD – Centro de Estudos transdisciplinares para o
Desenvolvimento, Portugal
email: msabreu@utad.pt

Resumo - Apresentamos aqui uma breve descrição de alguns dos mais conhecidos Santuários da área do Baixo Corgo, na região demarcada do Douro. Todos eles foram visitados e foi feita uma primeira recolha bibliográfica, assim como uma análise do ponto de vista artístico. Este projecto faz parte do levantamento total de todos os santuários na referida área. Com algumas honrosas excepções estes monumentos são visitados e frequentados principalmente por habitantes locais (peregrinos ou não) e poucos fazem parte dos locais visitados pelos turistas de outras zonas do país ou do estrangeiro. O seu potencial turístico, quer histórico-artístico, quer paisagístico levou à preparação de um projecto que tem em mente a realização de roteiro específico.

Palavras chave: Santuários / Douro / Baixo Corgo

Summary - This paper presents a brief description of some of the better known sanctuaries in the Baixo Corgo area of the Demarcated Region of the Douro. All were seen and a first bibliographic research was made, as well as an analysis from artistic point of view. This project is part of an overall survey of all sanctuaries in the area. Excluding some notable exceptions, these monuments are mainly visited by locals (both pilgrims and other people), but among the places, a few are visited by tourists from other parts of Portugal and from other countries. Its tourism potential, whether historic and artistic or landscape, led to the preparation of a project involving a specific itinerary.

Keywords: Sanctuary / Douro / Baixo Corgo

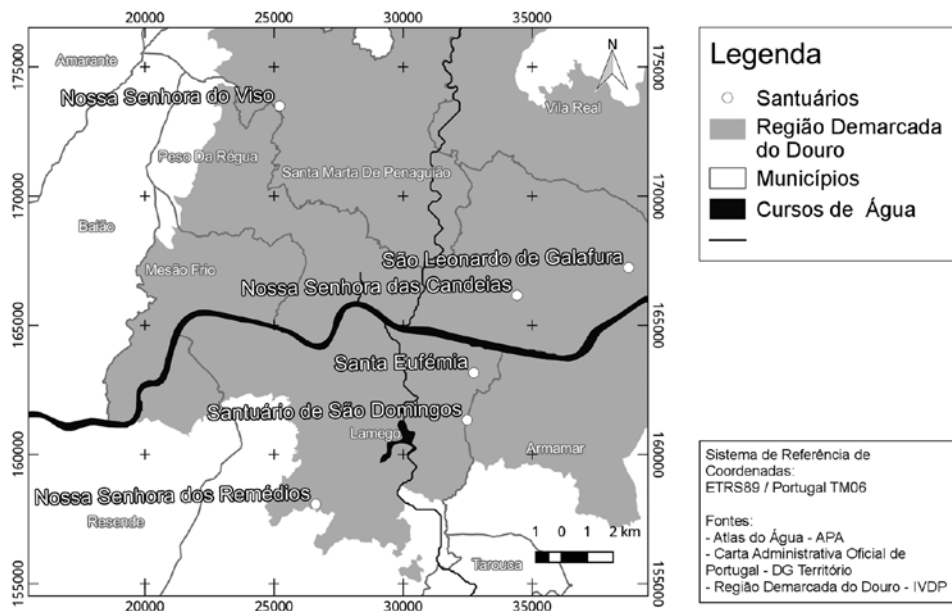
INTRODUÇÃO

A Região Demarcada do Douro (RDD) estende-se ao logo da bacia hidrográfica do Rio Douro desde Barqueiros até Barca D'Alva. Com uma extensão de cerca de 250.000 hectares, a RDD está dividida em três áreas geográficas: Baixo Corgo, Cima Corgo e Douro Superior¹, abrangendo vinte e um concelhos dos distritos de Bragança, Guarda, Vila Real e Viseu. O

1 Podem consultar-se os limites geográficos da Região Demarcada do Douro: DECRETO-LEI n.º 173/2009. D. R. I Série. 148 (03-08-2009) 4996 - 5006. Disponível em <https://dre.pt/application/file/492863>.

* PT: “Este trabalho é financiado por: Fundos Europeus Estruturais e de Investimento, na sua componente FEDER, através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (COMPETE 2020) [Projeto n.º 006971 (UID/SOC/04011)]; e por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UID/SOC/04011/2013”.

EN: “This work is supported by the European Regional Development Fund (ERDF) through the Competitiveness Operational Programme (COMPETE) [Projeto 006971 (UID/SOC/04011)] and by national funds provided by FCT - the Portuguese Foundation for Science and Technology, through its project UID/SOC/04011/2013”.



objetivo da presente investigação é dar a conhecer e estabelecer rotas de visita aos santuários da RDD. Iniciaremos o nosso estudo com os santuários do Baixo-Corgo²

Definida a área geográfica de trabalho, metodologicamente recorreremos à análise formal dos edifícios. A par desta, procurámos informações em bases de dados e visitámos todos os locais de forma a percebermos o seu enquadramento, as acessibilidades e recolher imagens fotográficas. Tendo em conta o levantamento bibliográfico, pudemos contextualizar cada um dos santuários aqui apresentados.

SANTUÁRIOS NO BAIXO-CORGO

O Baixo-Corgo, assim como grande parte da RDD, caracteriza-se sobretudo pela sua orografia e pela transformação que o Homem fez à paisagem para que esta se adapte às suas necessidades. Nas palavras de Orlando Ribeiro (1991: 1249 – 1250), a Região do Douro é *a mais*

2 A área geográfica Baixo-Corgo é constituída, no distrito de Vila Real, pelos concelhos de Mesão Frio (freguesias Barqueiros, Cidadelhe, Mesão Frio – Santa Cristina; Mesão Frio – São Nicolau; Oliveira; Vila Jusã e Vila Marim), Peso da Régua (Canelas, Covelinhas, Fontelas, Galafura, Godim, Loureiro, Moura Morta, Peso da Régua, Poiães, Sedielos, Vilarinho dos Freires, Vinhós), Santa Marta de Penaguião (Alvações do Corgo, Cumieira, Fontes, Fornelos, S. João de Lobrigos, S. Miguel de Lobrigos, Medrões, Sanhoane e Sever), Vila Real (Abaças, Ermida, Folhadela, Guiães, Mateus, Nogueira, Nossa Senhora da Conceição (parte), Parada de Cunhos, São Dinis e São Pedro). No distrito de Viseu pelos concelhos de Armamar (Aldeias, Armamar, Folgosa, Fontelo, Santo Adrião, Vacalar e Vila Seca), Lamego (Ferreiros de Avões, Figueira, Parada do Bispo, Penajóia, Samodães, Sande, Santa Maria de Almacave, Sé e Valdígem e as Quintas de Fontoura, do Prado e das Várzeas, na freguesia de Várzea de Abrunhais) e Resende (Barrô). *Idem*.

admirável obra humana que pode ver-se em Portugal. Nesta sub-região, encontram-se, geralmente, santuários em locais ermos que também servem de miradouros sobre a paisagem.

Segundo Espírito Santo (2014: 14) *enquanto pontos geograficamente circunscritos, os santuários são catalisadores de energias cósmicas onde se entra em comunhão com o numinoso seja ele Deus, deuses...* Neste sentido, e segundo o mesmo autor o local escolhido serve para *entrar em contacto com a divindade.* Estes locais estão associados a alguma *vontade divina ou duma personalidade Santa* (Espírito Santo, 2014: 14). Pinto (1997: 7-8) acrescenta que são locais onde se cria um elo entre o Céu e a Terra. Ainda sobre a escolha do local de implementação da igreja, Almeida (2001: 67) refere que o *sítio é ainda uma escolha muito intencional pela visibilidade notória que poderá dar à igreja, tão procurada e importante na simbolização do espaço que consagra.* O mesmo autor refere-se ao impacto do templo na paisagem do lugar, referenciando um espaço ou local santo³. Geralmente, na cultura judaico-cristã, o contacto do divino com o terreno ocorre no topo de montes ou lugares ermos⁴. Também Espírito Santo (2014: 15) explora o conceito de santuário como *um arquétipo do paraíso que se conquista ascendendo.* Almeida (2001: 75) indica-nos que *a igreja devia construir-se com magnificência porque ela era «outro templo de Salomão» e uma imagem da Jerusalém celeste.* Sendo a igreja/ santuário o arquétipo da Jerusalém Celeste, a sua construção passa por uma reflexão de conjunto. A arquitetura e a encomenda artística obedecem a rígidos cânones e são utilizadas como recurso para catequização dos fiéis⁵. Para aceder aos espaços sacros, são construídas grandes escadarias, rampas com desníveis acentuados ou caminhos labirínticos até se alcançar a igreja (Pinto 1997). Estes elementos arquitetónicos são parte integrante da peregrinação. Pinto (2007) refere-nos que este caminho é como o da ascensão para o Calvário e está carregado de profundo dramatismo. Espírito Santos (2014) acrescenta que a caminhada faz parte do processo de *purificação* no acesso ao espaço sagrado.

Atendendo ao exposto, os Santuário que iremos analisar, encontram-se na sua maioria em lugares ermos, com acessos, por escadaria (Nossa Senhora dos Remédios, Lamego), rampas com declive acentuado (Nossa Senhora do Viso, Santa Marta de Penaguião ou São Domingos, Armamar). Dois casos diferentes são os Santuários de Santa Eufémia em Armamar, a meia encosta e o Santuário de Nossa Senhora das Candeias, Peso da Régua, integrado no espaço urbano (Canelas).

O SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS, LAMEGO

O culto neste monte de Santo Estevão é anterior ao Santuário de Nossa Senhora dos Remédios (Fig. 1). Este, tal como o conhecemos, teve quatro fases de construção. A fase inicial, em 1750, centrou-se na construção da Igreja seguindo a estética do Barroco. Nesta mesma fase, procede-se à reorganização interior dos retábulos da igreja (Carvalho 2014). A igreja é de planta longitudinal de nave única, capela-mor saliente e sacristia adossada ao alçado posterior. A fachada composta por três panos divididos por pilastras coríntias é ladeada por duas torres sineiras. O portal principal em arco de volta perfeita é ladeado por dois óculos bastante decorados com elementos

3 Segundo Almeida (2001: 67) *uma igreja era sempre uma construção de grande impacto na paisagem do lugar, além de ser uma referência de simbolização tópica. A tradição e o imaginário têm um papel fundamental na escolha do sítio de uma igreja. Porque um templo santifica o lugar onde ele se ergueu, dado que a sacralização é também telúrica (...).*

4 Como exemplo, no Monte Sinai, Moisés recebe as Tábuas da Lei (Êxodo, 19.20); no Monte Calvário, Deus oferece a vida do Próprio Filho para salvação da Humanidade. Cf. Pinto (1997: 7 - 8).

5 Segundo Almeida (2001: 75) *em arquitetura, mais do que em outra qualquer atividade artística, desenha-se as necessidades, o pensamento, o gosto e as pretensões de uma época e sua sociedade.*



Fig. 1 - Santuário de Nossa Senhora dos Remédios

vegetalistas. A encimar o portal pode observar-se um nicho com imagem da padroeira e acima interrompendo o entablamento um óculo. Ao nível do nicho, abrem-se quatro janelões com tímpanos triangulares curvos, também nas torres sineiras, decorados com molduras e aventais recortados com borlas e motivos vegetalistas. A empena é recortada e encimada por cruz latina. A rematar cada pilastra encontram-se estátuas de anjos e estátuas alegóricas. O pano central da empena ostenta o escudo real ladeado por anjos, festões e conchas nas laterais. As sineiras estão rematadas em coruchéu bolboso e fogaréus.

SANTUÁRIO DE SANTA EUFÉMIA, PARADA DO BISPO E VALDIGEM, LAMEGO

O Santuário de Santa Eufémia está localizado no Alto Douro Vinhateiro, a meia encosta. (Fig. 2) A fachada é de pano único, empena com cornija recortada e coroada com uma cruz latina. O portal principal em arco abatido com moldura de granito é encimado por cartela com a inscrição *M. S. Eufémia*. A

ladear este, rasgam-se dois óculos ovais, gradeados e rematados por frontão triangular curvo. A encimar o portal principal abre-se um óculo com moldura em granito rematado com frontão abatido. As pilastras são rematadas com urnas decorativas.

SANTUÁRIO DE SÃO DOMINGOS, FONTELO, ARMAMAR

A cerca de 730m de altitude, no topo de um monte rochoso e parcialmente arborizado, situa-se o Santuário de São Domingos em pleno Alto Douro Vinhateiro (Fig. 3) O templo enquadrado por um grande adro murado forma um miradouro que permite observar os concelhos vizinhos: Resende, Mesão Frio, Peso da Régua, Santa Marta de Penaguião, Vila Real, Sabrosa Alijó, São João da Pesqueira Moimenta da Beira, Tarouca e Lamego.

Local de culto referenciado desde a Época Romana, o culto a São Domingos surge na Época Medieval e prolonga-se até ao presente⁶.

O santuário é composto por igreja românica, de planta longitudinal e capela-mor, com telhados de duas águas diferenciados na nave e capela-mor. Fachadas em granito, rematadas em cornija assente em cachorrada decorada com motivos vegetalistas e geométricos. A empena da fachada principal é rematada por cruz latina. São ainda visíveis duas gárgulas para descarga de água pluviais. O portal principal é antecedido por uma escadaria de cinco degraus. O arco apontado é composto por duas arquivoltas e uma moldura com decoração vegetalista encimada por escudo de armas. As pilastras, os capitéis e as arquivoltas são decoradas com motivos vegetalistas, sendo o fecho do arco decorado com uma roseta. A fachada posterior, da capela-mor, é rematada em empena com a imagem de São Domingos no topo. Tal como na fachada

6 http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=3708



Fig. 2 - Santuário de Santa Eufémia

principal, surgem duas gárgulas para descarga das águas pluviais. No mesmo plano, rasga-se uma janela, polilobada com mainel e moldura em cantaria decorada com motivos geométricos.

SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS CANDEIAS, CANELAS, PESO DA RÉGUA

Neste estudo, o Santuário de Nossa Senhora das Candeias é o único que nos surge enquadrado em meio urbano (Fig. 4). Pela análise formal, estimamos que a construção da igreja seja posterior à segunda metade do século XVIII.

O acesso ao adro, murado, realiza-se através de uma escadaria composta por sete degraus. A planta é longitudinal de nave única e capela-mor. A fachada de pano único em empena com friso e cornija coroados com cruz latina. A torre sineira, recuada em relação ao plano da fachada principal, está adossada ao alçado esquerdo. O portal principal com moldura decorada é rematado com frontão interrompido por duas volutas. Este é encimado por nicho, com a imagem da padroeira, rematado com frontão abatido. A este nível e a ladear o nicho temos duas janelas com molduras retangulares em cantaria de granito. Adossada ao alçado esquerdo encontra-se a torre de secção quadrangular, tripartida em patamares com cornija em cantaria. O mostrador do relógio surge no pano central, abaixo do campanário com inscrição 1931. O campanário tem apenas dois sinos. O remate da torre é de forma piramidal, com balaustrada sobre a cornija superior.

SANTUÁRIO DE SÃO LEONARDO DA GALAFURA, COVELINHAS, PESO DA RÉGUA

Em pleno Alto Douro Vinhateiro, a cerca de 640 m de altitude e no topo de um monte rochoso, encontramos o Santuário de São Leonardo de Galafura enquadrado num perfeito miradouro sobre o Rio Douro, algumas quintas e povoações (Fig. 5).

A capela de arquitetura vernacular, volume único com telhado de duas águas. Fachadas brancas rematadas em cornija de betão. Fachada principal de pano único, rematada em empena



Fig. 3 - Santuário de São Domingos em pleno Alto Douro Vinhateiro



Fig. 4 - Santuário de Nossa Senhora das Candeias

e coroada com uma cruz latina. O portal principal simples, com moldura de granito encimado por cartela com a inscrição 1924. Este é ladeado por duas frestas verticais. A encimar o portal rasga-se uma janela e varandim com base circular e guarda de ferro. A fachada posterior é cega, rematada com a imagem de São Leonardo. Nesta imagem é apresentado um painel de azulejo com um poema de Miguel Torga.

SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DO VISO, FONTES, SANTA MARTA DE PENAGUIÃO

Entre a Serra do Marão e a Região Demarcada do Douro, a meia-encosta, encontramos o Santuário de Nossa Senhora do Viso (Fig 6). Segundo Almeida & Antunes (s/d), *trata-se, provavelmente, do testemunho material mais antigo do concelho no que respeita ao culto religioso*. Para os autores, o culto neste Santuário remonta a finais do séc. XVI e início do séc. XVII⁷. Apesar de haver profundas alterações arquitetónicas, conseguimos ainda identificar alguns elementos que nos apontem para esta datação.

O acesso ao adro, que se abre num miradouro sobre esta região, é feito através de uma rampa de acesso com declive acentuado. A igreja é planta retangular, composta por nave, capela-mor

⁷ Cf. Almeida & Antunes (s/d: 70), onde os autores descrevem *[a]s ombreiras do vinco torneado e o arco com chanfradura [que] denunciam uma filiação de finais do sec. XVI, inícios do Séc. XVII*.



Fig. 5 - Santuário de São Leonardo de Galafura



Fig. 6 - Santuário de Nossa Senhora do Viso

e coberturas com telhados de duas águas. O conjunto arquitetónico é rebocado e pintado a branco. As fachadas são rematadas em friso e cornija, na capela-mor, e apenas friso na nave. A fachada posterior, cega, é coroada com cruz latina. Nesta destacamos as pilastras toscanas coroadas por pináculos. A fachada principal de pano único com portal principal encimado por janela termina em empena coroada por cruz latina de secção circular. O portal com arco de volta inteira, biselado, assenta em pilastras que formam falsos colunelos. Este é encimado por janela de com moldura em granito de topos curvos.

CONCLUSÕES

Este trabalho tem um carácter introdutório ao estudo dos Santuários na Região Demarcada do Douro. Nesta fase dedicámos o nosso estudo aos santuários no Baixo-Corgo. Posteriormente, pretendemos alargar o estudo aos Santuários do Cima-Corgo e do Douro Superior. Este estudo mais aprofundado permite-nos criar rotas de visita a estes espaços, seja na perspetiva de turismo religioso ou de turismo cultural. A localização das igrejas em locais elevados, permite a criação de miradouros únicos com vistas privilegiadas sobre a Região Demarcada do Douro.



Bibliografia

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (2001). *História da Arte em Portugal. O Românico*, 1. Lisboa. Editorial Presença.
- ALMEIDA, Carlos; ANTUNES, João (s/d). *Igrejas e Capelas de Santa Marta de Penaguião*. Santa Marta de Penaguião. Câmara Municipal de Santa Marta de Penaguião.
- CARVALHO, Aida (2014). O Santuário de Nossa Senhora dos Remédios. In *Revista Santuários. Cultura, Arte, Romarias, Peregrinações, Paisagens e Pessoas*, 1(1): 17 - 25.
- ESPIRITO SANTO, Moisés (2014). Introdução aos Santuários. In *Revista Santuários. Cultura, Arte, Romarias, Peregrinações, Paisagens e Pessoas*: 1(1): 13 - 15.
- FAUVRELLE, Natália (2001). *Quintas do Douro. As Arquiteturas do Vinho do Porto*. Cadernos Douro Estudos & Documentos, 8. São João da Pesqueira. GEHVID - Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto.
- PINTO, Lucinda de Jesus Barros (1997). *O Santuário de Nossa Senhora dos Remédios em Lamego: contributo para o estudo da sua construção 1750-1950/69*. Porto. Edição do Autor.
- PIZZARO, Ana Mafalda (2015). *Festas e Romarias. Norte de Portugal*. Viana do Castelo. Portoenorte.
- RESENDE, Nuno (2014). Santos da Casa: Capelas, devoções e poderes a sul do Douro no memorialismo paroquial de 1758. In BRAGA, Alexandra & SEBASTIAN Luís (eds.), *Atas das Segundas Conferências Museu de Lamego/CITCEM-2014. Quintas do Douro: História, Património e Desenvolvimento*: 61-80. Lamego. Museu de Lamego.
- RIBEIRO, Orlando (1991). *Opúsculos Geográficos IV - O Mundo Rural*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.
- SEARA, Fernando (Coord.) (2014). *Douro: Matéria e Espírito. Exposição permanente do Museu do Douro*. Peso da Régua. Fundação Museu do Douro.
- SERRÃO, Vitor (2003). *História da Arte em Portugal. O Barroco*, 4. Lisboa. Editorial Presença.
- SOEIRO, Teresa (2006). Baixo Corgo, o velho Douro. In *Viver e Saber Fazer*. 2ª. Ed. Peso da Régua. Fundação Museu do Douro.

Referências

- http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=12946 [junho 2016]
- http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3708 [junho 2016]
- http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3737 [junho 2016]
- http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6720 [junho 2016]